

Práticas alimentares de agricultores familiares no município de Petrópolis-RJ

Eating practices of family farmers in the municipality of Petrópolis-RJ, Brazil

Nichole Ramos da Silva¹
Aline Gaudard e Silva de Oliveira¹

¹ Faculdade Arthur Sá Earp Neto. Curso de Nutrição. Petrópolis, RJ, Brasil.

Correspondência / Correspondence
Aline Gaudard e Silva de Oliveira
E-mail: alinegaudard@yahoo.com.br

Resumo

Objetivo: Identificar práticas de consumo e comportamento alimentar saudáveis e não saudáveis de agricultores familiares do bairro Caxambu, no município de Petrópolis-RJ. **Metodologia:** Trata-se de estudo transversal realizado com amostra de 35 agricultores familiares. Informações foram obtidas por meio de entrevistas, utilizando um questionário estruturado e padronizado. As práticas alimentares foram avaliadas a partir dos itens do questionário utilizado pelo SISVAN associados às frequências de consumo do questionário utilizado pelo VIGITEL. **Resultados e Discussão:** O consumo de alimentos saudáveis (frutas, legumes e verduras), com exceção do feijão, foi baixo, e o consumo de alimentos não saudáveis, consideravelmente alto, quando comparados com outros estudos. Além disso, quase metade dos agricultores entrevistados possui o hábito de realizar as refeições assistindo TV, mexendo no celular e/ou computador, o que é considerado um comportamento de risco para o desenvolvimento da obesidade. **Conclusões:** Os agricultores familiares do Caxambu possuem práticas alimentares que merecem atenção, pois apesar do fácil acesso a alimentos saudáveis, foram encontrados baixa ingestão de frutas, legumes e verduras e elevado consumo de alimentos não saudáveis, como as bebidas adoçadas e embutidos. Evidencia-se a necessidade de realizar ações voltadas para a melhoria do perfil alimentar, da saúde e qualidade de vida dos agricultores familiares.

Palavras-chave: Consumo de alimentos. Comportamento alimentar. Agricultura. Trabalhadores Rurais.

Abstract

Objective: To identify healthy and unhealthy eating practices and habits of family farmers in the Caxambu district, in the city of Petrópolis-RJ, Brazil. *Methodology:* This is a cross-sectional study with a sample of 35 family farmers. Information was obtained through interviews, using a structured and standardized questionnaire. Eating practices were evaluated from the items of the questionnaire used by SISVAN associated to the frequencies of consumption of the questionnaire used by VIGITEL. *Results and Discussion:* The consumption of healthy foods (fruits, vegetables and greens), with the exception of beans, was low, and the consumption of unhealthy foods was considerably high when compared to other studies. In addition, almost half of the interviewed farmers have the habit of eating meals while watching TV, using their cell phones and/or computers, which is considered a risky behavior for the development of obesity. *Conclusions:* The eating practices of the family farmers of Caxambu deserve attention, for despite the easy access to healthy foods, it was found a low intake of fruits, vegetables and greens, and a high consumption of unhealthy foods, such as sweetened beverages and processed meats. There is evidence of the need to carry out actions aimed at improving the eating profile, the health and the quality of life of family farmers.

Keywords: Food consumption. Feeding behavior. Agriculture. Rural Workers.

Introdução

O Brasil, nas últimas décadas, passou por grandes mudanças sociais que transformaram o padrão de saúde e de consumo alimentar da população. A chamada transição nutricional, caracterizada pela diminuição da fome e da desnutrição e aumento do sobrepeso e obesidade, aponta para um novo contexto de problemas relacionados a alimentação e nutrição.¹

As informações disponíveis sobre os padrões de consumo alimentar dos brasileiros são resultantes de pesquisas realizadas em âmbito populacional, denominadas inquéritos nutricionais, que contribuem para a implementação da Vigilância Alimentar e Nutricional (VAN) no Brasil. Dentre essas pesquisas, destaca-se a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), que em 2008 e 2009 realizou uma análise do consumo individual de 34.003 brasileiros e apontou diminuição no consumo de alimentos básicos e incremento no consumo de alimentos processados e ultraprocessados.²⁻⁴

Essa mudança no padrão de consumo alimentar dos brasileiros, com substituição de alimentos

básicos por produtos industrializados, está associada ao desequilíbrio na oferta de nutrientes e a ingestão excessiva de calorias, que por sua vez se relacionam com o aumento da obesidade e das doenças crônicas não transmissíveis.⁵

O perfil alimentar da população está intimamente associado aos aspectos culturais, nutricionais, socioeconômicos e demográficos, e apresenta variações em relação a eles. Os resultados da POF 2008-2009, por exemplo, demonstraram que na zona rural as médias de consumo diário *per capita* foram muito maiores para arroz, feijão, batata-doce, mandioca, farinha de mandioca, manga, tangerina, peixes frescos, peixes salgados e carnes salgadas. Na zona urbana, os mais consumidos foram os produtos prontos para consumo ou processados, como pão de sal, biscoitos recheados, iogurtes, vitaminas, sanduíches, salgados fritos e assados, pizzas, refrigerantes, sucos e cerveja. No entanto, o consumo de saladas cruas e de outros legumes foi menor na zona rural do que na urbana, tanto em prevalência de consumo (%) como em quantidade consumida (g/dia).^{2,6}

Apesar do aumento no número de pesquisas sobre o consumo alimentar dos brasileiros, incluindo inquéritos alimentares nacionais e estudos com grupos populacionais específicos, pouco se conhece sobre as práticas alimentares de agricultores familiares. A literatura aponta que, com a mercantilização da agricultura, caracterizada pela produção de alimentos voltada para a venda e não para o autoconsumo, os industrializados ganharam espaço na alimentação dos agricultores, que antes era baseada nos alimentos por eles cultivados.⁷⁻⁹

O autoconsumo está relacionado à garantia de todos os aspectos que envolvem a segurança alimentar e nutricional – acesso permanente aos alimentos, qualidade nutricional dos alimentos e fornecimento de acordo com a quantidade e as necessidades dos indivíduos. A diminuição do consumo de alimentos cultivados pelos próprios agricultores está, portanto, associada a maior propensão à insegurança alimentar.⁹

Sabendo da existência das diferenças de consumo alimentar entre as populações urbanas e rurais, da importância da avaliação do consumo alimentar de agricultores familiares e da escassez da literatura científica sobre o tema, o objetivo do presente estudo foi identificar práticas de consumo e comportamento alimentar saudáveis e não saudáveis de agricultores familiares do bairro Caxambu, no município de Petrópolis-RJ.

Metodologia

Trata-se de estudo transversal com abordagem quantitativa, realizado no período de janeiro a fevereiro de 2018, com agricultores familiares do bairro Caxambu, no município de Petrópolis, Rio de Janeiro. A população do estudo foi constituída de 35 agricultores familiares, que foram convidados a participar do estudo durante as reuniões da associação de agricultores do bairro e por meio de busca ativa, em visitas a suas residências.

Os dados foram coletados por meio de entrevista, utilizando um questionário composto por perguntas relacionadas aos aspectos sociodemográficos: sexo, idade, escolaridade, renda familiar, profissão e dedicação à atividade agrícola e às práticas alimentares. As práticas de consumo alimentar foram avaliadas por meio de frequência semanal de ingestão de alimentos marcadores de alimentação saudável e não saudável, os mesmos que compõem o questionário utilizado pelo Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN),³ associados às frequências utilizadas pelo questionário do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL).¹⁰ O comportamento alimentar também foi avaliado utilizando como base o questionário do SISVAN, por meio de duas perguntas relacionadas ao hábito de se alimentar assistindo TV, mexendo no computador e/ou celular e à realização de refeições.

A coleta de dados foi iniciada somente após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Arthur Sá Earp Neto (Parecer nº 2.379.849), bem como após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por cada participante.

Os dados foram digitados e analisados utilizando o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 21. Os resultados foram apresentados em forma de porcentagens, gráficos e tabelas.

Resultados e Discussão

A população do estudo foi predominantemente composta por indivíduos do sexo masculino (91,4%), com média de idade de $49,4 \pm 11,9$ anos, 77,1% tinham o primeiro grau incompleto e quase 90% apresentavam renda familiar mensal entre um e cinco salários-mínimos (tabela 1). O perfil sociodemográfico dos agricultores apresentou características semelhantes às encontradas em outros estudos também realizados com agricultores familiares no Brasil.¹¹⁻¹³

Tabela 1. Perfil sociodemográfico de agricultores familiares do bairro Caxambu, Petrópolis-RJ, 2018.

	n	%
Sexo		
Feminino	3	8,6
Masculino	32	91,4
Idade		
< 40 anos	7	20,0
40 a 60 anos	23	65,7
≥ 60 anos	5	14,3
Escolaridade		
Primeiro grau incompleto	27	77,1
Primeiro grau completo	7	20,0
Segundo grau completo	1	2,9
Renda familiar mensal		
≤ 1 salário-mínimo	3	8,6
1 – 2 salários-mínimos	15	42,9
2 – 5 salários-mínimos	16	45,7
> 5 salários-mínimos	1	2,9

A frequência de agricultores que consomem regularmente (em 5 ou mais dias da semana) alimentos considerados saudáveis foi de 85,7% para feijão; 42,8% para frutas e 51,5% para verduras e legumes. Dentre os agricultores que consomem frutas, 51,4% as consomem uma vez ao dia e o mesmo percentual de agricultores (51,4%) consome legumes e verduras no almoço e no jantar. Já a frequência de consumo regular de alimentos considerados não saudáveis foi de 20% para embutidos; 80% para bebidas adoçadas; 32,4% para macarrão instantâneo e biscoitos industrializados salgados e 20% para biscoitos recheados, doces ou guloseimas (figura 1).

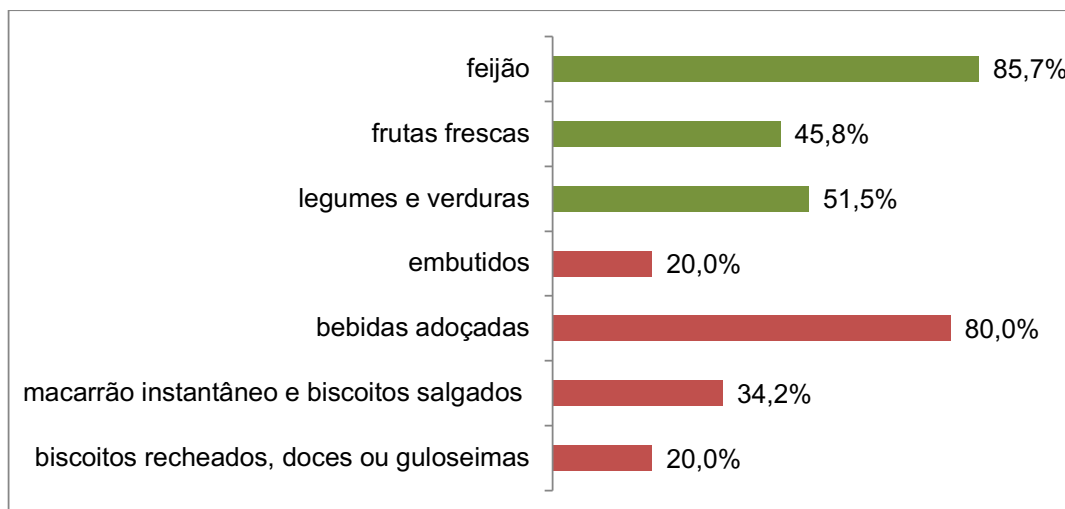


Figura 1. Frequência do consumo regular (em cinco ou mais dias da semana) de alimentos saudáveis e não saudáveis de agricultores familiares do bairro Caxambu, Petrópolis-RJ, 2018.

A frequência de consumo regular de feijão encontrada pelo VIGITEL em 2016 foi de 61,3%,¹⁰ enquanto que a da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013 foi de 71,9%,¹⁴ valores menores do que o observado na presente pesquisa (85,7%). O alto percentual de consumo regular de feijão pelos agricultores do Caxambu é muito positivo, uma vez que o consumo deste alimento básico, que faz parte da cultura alimentar brasileira, vem diminuindo ao longo dos últimos anos, com redução de 67,6% em 2011 para 61,3% em 2016.¹⁰

Luz,¹³ em sua pesquisa com agricultores familiares de Ibiúna (SP), verificou que 100% de sua amostra consumiam arroz e feijão diariamente, bem como 81,3% e 47,7% consumiam verduras e legumes, respectivamente, todos os dias. No entanto, na presente pesquisa, os valores encontrados para consumo diário desses alimentos foram menores.

A tabela 2 evidencia que 65,7% dos agricultores consomem feijão diariamente e apenas 25,7% e 28,6% consomem frutas frescas e legumes ou verduras todos os dias, respectivamente. O percentual de consumo de frutas e hortaliças encontrado é maior do que o descrito pelo VIGITEL 2016,¹⁰ no qual o consumo recomendado (quando referido em cinco ou mais vezes ao dia) foi de 24,4%, mas inferior ao observado na PNS 2013.¹⁴ Nesta pesquisa, encontrou-se um percentual médio de consumo recomendado de frutas e hortaliças de 37,3%, mas é interessante mencionar que o consumo na zona urbana (38,2%) foi maior do que na zona rural (31,2%).

Tabela 2. Frequência de consumo de alimentos saudáveis e não saudáveis de agricultores familiares do bairro Caxambu, Petrópolis-RJ, 2018.

	Frequência de consumo (%)					Nunca
	Todos os dias	5-6 dias por semana	3-4 dias por semana	1-2 dias por semana	Quase nunca	
Feijão	65,7	20,0	5,7	8,6	-	-
Frutas frescas	25,7	17,1	34,3	22,9	-	-
Legumes e verduras	28,6	22,9	31,4	11,4	2,9	2,9
Embutidos	20,0	-	20,0	37,1	14,3	8,6
Bebidas adoçadas	77,1	2,9	5,7	5,7	8,6	-
Macarrão instantâneo e biscoitos salgados	17,1	17,1	17,1	25,7	20,0	2,9
Biscoitos recheados, doces ou guloseimas	14,3	5,7	22,9	22,9	28,6	5,7

Essa diferença entre as zonas urbana e rural pode estar relacionada com o nível de escolaridade dos habitantes da zona rural, que em geral é mais baixo, e pelo fato de o consumo de frutas e hortaliças ter aumentado conforme a escolaridade. O oposto ocorreu com o consumo de feijão, que diminuiu conforme o aumento da escolaridade e foi maior na zona rural.¹⁴ Ao comparar os resultados do presente estudo com os encontrados pela PNS 2013, verifica-se que o consumo médio de frutas e hortaliças na população de estudo é menor do que o do país, o que pode ser ainda mais crítico se considerada a questão do acesso facilitado dos agricultores familiares do Caxambu a esses alimentos, uma vez que eles são cultivados em suas propriedades.

Segundo Lourenço,⁷ o trabalho na agricultura pode desestimular o consumo de hortaliças. Em sua pesquisa qualitativa com agricultores de Petrópolis, muitos relataram ficar “enjoados de ver hortaliças”, por causa da rotina repetitiva do trabalho agrícola. A autora aponta a troca de alimentos entre as famílias como uma forma de reduzir a monotonia das hortaliças disponíveis.

O Guia Alimentar para a População Brasileira orienta a população a fazer de alimentos *in natura* ou minimamente processados (variedades de grãos, tubérculos e raízes, legumes e verduras, frutas, leite, ovos, peixes, carnes) a base de sua alimentação. Afirma que o consumo destes, em grande variedade e predominantemente de origem vegetal, é a base para uma alimentação nutricionalmente balanceada, saborosa, culturalmente apropriada e que promove um sistema alimentar social e ambientalmente sustentável.⁵

Em relação aos alimentos marcadores de uma alimentação não saudável, o percentual de consumo regular de alimentos doces observado na presente pesquisa (20%) foi um pouco maior do que o encontrado pelo VIGITEL 2016 (18%).¹⁰ No estudo de Luz,¹³ aproximadamente 10% dos agricultores consumiam alimentos doces diariamente, enquanto que na presente pesquisa este número foi um pouco mais alto (14%). A frequência de consumo diário de bebidas adoçadas entre os agricultores familiares do Caxambu (77,1%) também foi maior do que a encontrada no estudo citado (57,4%).¹³

A frequência de consumo de bebidas adoçadas é preocupante, pois apresenta tendência de aumento em muitos países, inclusive no Brasil.¹⁵ Os sucos e refrigerantes estão entre os alimentos que obtiveram as maiores médias de consumo diário *per capita* na POF 2008-2009. No entanto, há uma diferença de percentual entre as zonas rural e urbana. Os sucos, refrescos e sucos em pó reconstituídos foram consumidos por 41,1% da população urbana e por 33,1% da população rural. O consumo de refrigerantes também apresentou diferenças, sendo 25,4% para zona urbana e 11,4% para a rural.² Diferentemente do encontrado pela POF 2008-2009, a ingestão, tanto regular quanto diária, de bebidas adoçadas pelos agricultores familiares do Caxambu foi muito elevada (80% regular e 77,1% diária). É necessário considerar, entretanto, que a pergunta utilizada no presente estudo acerca do consumo de bebidas adoçadas incluiu, além de refrigerantes e sucos artificiais, os sucos naturais adoçados com açúcar.

Segundo Pérez-Rosales, representante adjunta da Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) no Brasil, aumentar o preço das bebidas adoçadas é uma das melhores estratégias para melhorar a alimentação da população brasileira e reduzir a prevalência de doenças crônicas não transmissíveis no país.¹⁶

Em relação aos demais alimentos não saudáveis, cerca de 20% dos agricultores do Caxambu consumiam embutidos diariamente. Schneider, Duro & Assunção,¹⁷ em estudo com 2.730 moradores da zona urbana de Pelotas-RS, observaram que 16,6% dos participantes consumiam embutidos todos os dias. O percentual encontrado na presente pesquisa foi maior (20%) do que o encontrado pelos autores, mas o observado no estudo de Luz,¹³ com agricultores familiares de Ibiúna-SP, foi ainda mais elevado (24,3%).

A POF 2008-2009 apresentou valores baixos de prevalência de consumo alimentar de macarrão instantâneo para zona urbana (1,9%) e para a zona rural (0,7%). No entanto, não significativamente tão baixos para o consumo de biscoitos salgados – 15,1% na zona urbana e 20,2% na zona rural.² Já no estudo de Luz,¹³ estes percentuais foram mais elevados: 6,5% para consumo diário de macarrão instantâneo e 32,7% para bolacha. Cerca de 17,1% dos agricultores do Caxambu consumiam macarrão instantâneo e biscoitos salgados todos os dias. No entanto, acredita-se que, assim como na POF e no estudo de Luz,¹³ o consumo de macarrão instantâneo é menor que o de biscoito salgado, uma vez que durante as entrevistas isto foi relatado pelos agricultores.

O consumo excessivo de sódio e gordura saturada, geralmente presentes em alimentos como embutidos, macarrão instantâneo e biscoitos, aumenta o risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares. Além disso, o consumo de alimentos ultraprocessados, devido a suas formas de produção, distribuição, comercialização e consumo, afeta de modo negativo a cultura, a vida social e o meio ambiente.⁵

Em relação ao comportamento alimentar, aproximadamente 90% dos agricultores fazem as refeições principais regularmente (café da manhã, almoço e jantar), sendo a média do número de refeições diárias de $4,5 \pm 0,9$, variando de 3-6 refeições, similar a encontrada por Batista¹⁸ em estudo com agricultores familiares de Ubá-MG – média de cinco refeições/dia com variação de 3-7 refeições. A versão anterior do *Guia Alimentar para a População Brasileira*, lançada em 2008, orientava a população, em uma de suas diretrizes, a realizar três refeições diárias intercaladas por lanches.¹⁹ Porém, a versão atual prioriza, dentre outras coisas, o ato de comer com regularidade e atenção, em ambientes apropriados e, sempre que possível, em companhia.⁵ Tal recomendação vai de encontro ao último resultado aqui analisado, o hábito de realizar as refeições assistindo televisão. Quase metade dos agricultores familiares do Caxambu (45,7%) têm o hábito de realizar as refeições assistindo TV, mexendo no celular e/ou computador, o que é considerado um comportamento de risco para o desenvolvimento da obesidade, porque pode comprometer os mecanismos biológicos que sinalizam a saciedade.³

Conclusões

O presente estudo foi desenvolvido com uma amostra de agricultores familiares do bairro Caxambu composta em sua maioria por homens, de meia idade, que possuem renda familiar e escolaridade baixas. Em relação às práticas alimentares observadas, esperava-se que o consumo de alimentos saudáveis fosse alto na população de estudo, uma vez que grande parte dos agricultores produz estes alimentos em suas propriedades. Exceto para feijão, no entanto, o consumo de outros alimentos considerados saudáveis – legumes, hortaliças e frutas – foi baixo, e o consumo de alimentos não saudáveis, consideravelmente alto, quando comparados com outros estudos.

Outro fato que também não era esperado, uma vez que moradores de zonas rurais possuem hábitos distintos dos moradores de zonas urbanas, foi o alto percentual de agricultores que têm o hábito de se alimentar assistindo TV, mexendo no celular e/ou computador.

Conhecer as práticas alimentares de agricultores familiares é imprescindível para traçar estratégias para a melhoria do perfil alimentar e, conseqüentemente, da saúde e qualidade de vida deste público. Para isso, poderiam ser realizadas ações municipais, estaduais e federais, uma vez que a agricultura familiar está presente em todo o Brasil, voltadas para a conscientização acerca da importância de hábitos alimentares saudáveis para a saúde.

Para realizar tais ações, poderiam ser firmadas parcerias com universidades públicas e privadas, em projetos voltados à promoção de práticas alimentares saudáveis e também ao manejo de sistemas agrícolas, criando assim valor compartilhado para alunos, agricultores e instituições de ensino. Além disso, as unidades básicas de saúde próximas aos locais de produção agrícola também poderiam investir mais em ações de educação alimentar e nutricional direcionadas para esse público.

Destaca-se que mais estudos sobre as práticas alimentares de agricultores familiares são necessários para que se possa avançar na literatura científica sobre o tema, ainda pouco estudado, bem como para melhorar o perfil alimentar e, conseqüentemente, a saúde deste público que exerce importante papel na economia e segurança alimentar do Brasil.

Colaboradores

da Silva NR trabalhou em todas as etapas desde a concepção do estudo até a revisão da versão final do artigo; de Oliveira AGS participou da concepção do estudo, da análise dos dados e da revisão da versão final do artigo.

Conflito de interesses: As autoras declaram não haver conflito de interesses.

Referências

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.
2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisas de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE; 2011.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Orientações para avaliação de marcadores de consumo alimentar na atenção básica. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2015.
4. Coutinho JG, Cardoso AJC, Toral N, Silva ACF, Ubarana JA, Aquino KKNC, et al. A organização da Vigilância Alimentar e Nutricional no Sistema Único de Saúde: histórico e desafios atuais. *Rev Bras Epidemiol*. 2009; 12(4):688-699.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014.
6. Bonomo E, Caiaffa WT, Cesar AC, Lopes ACS, Lima-Costa MF. Consumo alimentar da população adulta segundo perfil sócio-econômico e demográfico: Projeto Bambuí. *Cad Saúde Pública*. 2003; 19(5):1461-1471.
7. Lourenço AEP. O Bonfim na Balança: um estudo sobre ruralidade e saúde por meio da análise do estado nutricional das práticas alimentares e da agricultura num bairro de Petrópolis, Rio de Janeiro [tese]. [Rio de Janeiro]: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca; 2010.
8. Wagner SA, Marques FC, Menasche R. Agricultura familiar à mesa. In: Menasche R, organizador. *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre: Editora UFRGS; 2007. p. 58-77.
9. Gazzola M. Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: uma análise a partir da produção para o autoconsumo no território do Alto do Uruguai/RS [dissertação]. [Porto Alegre]: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2004.
10. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Vigitel Brasil 2016: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde; 2017.
11. Brito PF, Gomide M, Câmara VM. Agrotóxicos e saúde: realidade e desafios para mudança de práticas na agricultura. *Physis* 2009; 19(1):207-225.
12. Jacobson LDSV, Hacon SDS, Alvarenga L, Goldstein RA, Gums C, Buss DF, et al. Comunidade pomerana e uso de agrotóxicos: uma realidade pouco conhecida. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2009; 14(6):2239-2249.
13. Luz VG. (In)Segurança alimentar e nutricional em agricultores familiares e o uso da terra no município de Ibiúna, SP [tese]. [São Paulo]: Universidade Estadual de Campinas; 2014.
14. Jaime PC, Stopa SR, Oliveira TP, Vieira ML, Szwarcwald CL, Malta DC. Prevalência e distribuição sociodemográfica de marcadores de alimentação saudável, Pesquisa Nacional de Saúde, Brasil 2013. *Epidemiol Serv Saúde*. 2015; 24(2):267-276.

15. Popkin BM, Hawkes C. Sweetening of the global diet, particularly beverages: patterns, trends, and policy responses. *Lancet Diabetes Endocrinol.* 2015; 4(2):174-186.
16. Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. Aumentar preço de bebidas adoçadas é uma das melhores estratégias para melhorar alimentação dos brasileiros [Internet]. [acesso em: 25 abr. 2018]. Disponível em: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5544:aumentar-preco-de-bebidas-adoçadas-e-uma-das-melhores-estratégias-para-melhorar-alimentacao-dos-brasileiros&Itemid=839
17. Schneider BC, Duro SMS, Assunção MCF. Consumo de carnes por adultos do Sul do Brasil: um estudo de base populacional. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2014; 19(8):3583-3592.
18. Batista LMG. Condição de saúde e nutrição de agricultores familiares e suas percepções sobre a participação no Programa de Aquisição de Alimentos, do município de Ubá (MG) [dissertação]. [Viçosa]: Universidade Federal de Viçosa; 2015.
19. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira: promovendo alimentação saudável. Brasília: Ministério da Saúde; 2008.

Recebido: 14 de junho de 2018

Revisado: 09 de outubro, 2018

Aceito: 12 de outubro de 2018